

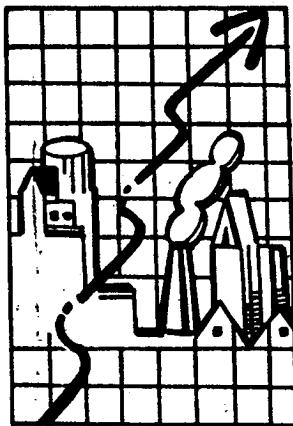
Recessão agora é coisa do passado

Projeções realizadas a dez anos, pelo Banco Mundial, e que estão servindo de base aos raciocínios dos banqueiros internacionais credores do Brasil, permitem concluir que a dívida externa brasileira "é realmente solvável", como afirma o Ministro Delfim Netto. Com base nessas projeções, os banqueiros visualizam o Brasil a cinco ou seis anos e tomam como parâmetros os resultados conseguidos até agora pelo Programa de Recuperação da Economia Brasileira, implantado pelo Governo do Presidente João Figueiredo e que já permitiu ao país sair da crise recessiva em que se encontrava nos últimos quatro anos.

Nas suas projeções, o Banco Mundial parte de uma hipótese sobre o preço do petróleo com um crescimento médio anual de 7%, acompanhando, assim, mais ou menos, a inflação mundial; uma hipótese de que a taxa de juros fique entre 10% e 9% ao ano (o

que já poderá ser melhorado nos próximos meses, quando se prevê que as taxas possam cair abaixo dos 9%); uma hipótese do crescimento das economias industriais e uma comparação com um crescimento previsto para a produção industrial brasileira.

A previsão do Banco Mundial é de que a dependência brasileira, que em meados deste ano estava em torno de 70%, vá caindo progressivamente no decorrer dos próximos dez anos. A dívida externa sobre o PIB — Produto Interno Bruto também decresce gradualmente e com um pouco mais de intensidade (o PIB já cresceu este ano à taxa de 3,5% acima da inflação média calculada pelo Governo em torno de 218,6%). Foi com base nestas previsões do Banco Mundial que se acertaram os números básicos para a renegociação da dívida externa brasileira em 83 e 84. Os banqueiros acreditam



agora que "o Brasil mudou", assegura o Ministro.

SEM MEDO

O desempenho da economia brasileira e os reajustes registrados simultaneamente na economia mundial, em razão da recessão que a todos atingiu por igual nos últimos quatro anos, depois da crise energética mais grave, mostram que o mundo não pode voltar para trás e que a hipótese de um novo período recessivo atingir o Brasil nos próximos anos é remota, já que ela refletiria o malogro dos medicamentos aplicados a nível internacional.

Os dados deste segundo semestre são suficientes para permitir conclusões otimistas e afastar os medos de nova crise recessiva: a produção industrial brasileira cresceu 10,58% em julho último, em relação a igual mês do ano passado. A arrecadação do ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias — acusou um verdadeiro salto em julho, com crescimento real de 14%, descontada a inflação. A expansão do nível de emprego na indústria paulista (a mais significativa) foi, em agosto último, a mais acentuada do ano, com 1%. E, a expansão do mercado de trabalho vem se registrando com maior vigor ainda em outras áreas que não a industrial — e setores outros, segundo o SINE, órgão do Ministério do Trabalho, tiveram uma taxa de expansão semestral de 16%. O ritmo da recuperação, a partir do início do segundo semestre, vem, portanto, acelerado e a tendência é que não esmoreça, alimentado pelo firme esforço de crescimento das exportações brasileiras.